Gil Vicente

Auto da Índia

peça de teatro

AUTO DA ÍNDIA

GIL VICENTE

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

BREVE NOTA SOBRE A OBRA

Apresentado pela primeira vez no ano de 1509, em Almada, perante a rainha D. Leonor, foi uma das primeira peça de teatro da Península Ibérica a ter uma intriga, ao invés de ser apenas um mero monólogo teatral recitado por um individuo, como era feito até então nas cortes palacianas. Foi também a primeira "Farsa" escrita por Gil Vicente, ou seja, uma sátira social que mistura comédia e crítica aos maus costumes. Tendo como pano de fundo os descobrimentos e as suas consequências sociais, apresenta uma história cómica onde denuncia as práticas de adultério cometidas pelas esposas dos navegadores e marinheiros que, na longa ausência dos maridos, não tinham pudor nenhum em traí-los.

Quando Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia, numa viagem que decorreu entre 1497 e 1498, a expansão ultramarina portuguesa alterou-se completamente. Até então Portugal dedicara-se apenas a

explorar pequenas feitorias (interpostos comerciais) na costa oeste de África, mas depois que ultrapassou o cabo da boa esperança iniciou uma verdadeira campanha colonialista em terras do oriente, fundando aquilo que na altura se chamou de "novo reino de Portugal", governado por Vice-reis cuja administração estendia-se por dois continentes - da África oriental até ao largo do Japão. Toda esta expansão marítima pelos mares da Índia, implicava uma constante circulação de embarcações na rota do oriente, na altura vista como mais importante do que as descobertas do novo continente, em 1500, pois era do oriente que vinham bens - como as especiarias, a seda e a porcelana - que eram depois vendidos para o resta da Europa.

O "Auto da Índia" é uma peça do seu tempo, passada numa altura em Portugal sofria grandes transformações socioeconómicas; numa altura em que os portos estavam constantemente cheios de embarcações que chegavam e partiam, em que os cais eram inundados com mercadorias nunca antes vistas e com estrangeiros que vinham de todos os cantos da Europa para as comprar. Há, contudo, uma

certa ironia no uso do título da peça, pois ela não fala sobre a expansão ultramarina na Índia e muito menos glorifica-a como outras obras da altura, sobretudo “Os Lusíadas”, que Camões escreveria 70 anos depois. Gil Vicente, como autor satírico que era, preferiu explorar as suas consequências nas relações matrimoniais, expondo, de forma cómica, aquilo que ocorria entre os casais em que o marido passava longos meses em alto mar e a mulher ficava sozinha em casa. Curiosamente Camões expressaria a mesma ideia na sua obra "Os Lusíadas" no episódio conhecido como "O Velho do Restelo", levantando a dúvida se teria ou não visto uma representação desta peça de Gil Vicente.

A peça em si foi inédita para a época. Apesar do adultério ser hoje um tema universal na literatura, na altura ainda era um assunto tabu. Contudo, Gil Vicente não teve pudores em o abordar, criticando-o, claramente - não fosse a peça uma Farsa - mas não condenando-o expressamente, preferindo caricatura-lo na sua bizarria e deixando a ser o público a tirar dele juízos de valor.

Há outros aspetos que distinguem esta peça das anteriores de Gil Vicente. Além de ter sido a primeira a contar uma

intriga foi a primeira das suas peças a ter sido escrita maioritariamente em português, o que é era igualmente inédito pois na altura o castelhano estava muito presente tanto na literatura como na sociedade. Aqui a única personagem a falar castelhano é o amante "Castelhano", com o objetivo óbvio de o demarcar e de o distingui como tal. O "Auto da Índia" é pois também, neste aspeto, um texto representativo do ponto de viragem linguístico que Portugal estava a passar.

A peça é hoje uma das mais populares do pai do teatro português que continua a ser representada ainda nos teatros contemporâneos, tanto no seu texto original como em diversas adaptações.

PREÂMBULO

À Farsa seguinte chamam Auto da Índia. Foi fundada sobre uma mulher que, estando já embarcado para a Índia o seu marido, lhe vieram dizer que estava desaviado *(impedido; desautorizado)* e que já não ia; e ela, de pesar (triste), está chorando e fala com uma sua criada.

Foi feita em Almada, representada à muito católica Rainha Dona Lianor.

Era de MDIX (1509) anos.

Entram nela estas figuras: Ama, Moça, Castelhano, Lemos, Marido.

MOÇA

Jesus! Jesus! Que é agora isso?

É porque se parte a armada? (*)

[(*) Armada de naus; Navios mercantis, de transporte ou de guerra.]

AMA

Olhai a mal estreada! (*)

Eu hei de chorar por isso?

[(*) “mal estreada” é uma forma de a Ama insultar a criada. Ser «mal estreada» quer dizer que a Moça perdeu a virgindade com homem de baixa condição.]

MOÇA

Por minha alma que pensei

E sempre imaginei,

Que choráveis por nosso amo.

AMA

Por qual demo ou por qual gamo, *(veado)*

Esse má hora, chorarei?

Como me deixa saudosa! *(Quando me ponho a pensar nele)*

Toda eu fico amargurada!

MOÇA

Pois porque estais enojada?

Dizei-mo, por vida vossa.

AMA

Deixa-me, ora, eramá, (*1)

Que dizem que não vai já. (*2)

[(*) 1 - expressão arcaica de indignação: redundância de “má hora” que por sua vez, neste caso se poderia traduzir por «não me aborreças». 2 – Que não vai partir em viagem.]

MOÇA

Quem diz esse desconcerto?

AMA

Disseram-mo por muito certo

Que é certo que fica cá.

O Concelos(*) me faz isto.

[(*)"Concelos" parece ser Jorge de Vasconcelos, fidalgo que em 1501 era funcionário do rei, encarregado de abastecer e despachar as naus de Lisboa.]

MOÇA

Se eles já estão no Restelo,

Como pode vir a pêlo? *(ser mandado para trás)*

Melhor veja eu Jesus Cristo,

Isso é quem porcos há menos.(*)

[(*) Frase que provem de um antiguíssimo ditado popular que dizia: "quem a porcos há medo as moutas lhe roncam", o que quer dizer que quem têm medo de alguma coisa via essa coisa em todo o lado. Neste caso é uma forma da Moça desconsiderar o medo infundado da Ama em achar que o marido não embarcou. É pois uma forma de a Moça dizer que não havia nada a recear.]

AMA

Certo é que bem pequenos

São os meus desejos que fique.

MOÇA

A armada está muito a pique. *(está prestes a partir)*

AMA

Arreceo al de menos. *(Receio que já não parta)*

Andei na má hora e nela *(Andei a trabalhar que nem uma escrava)*

A amassar e a biscoutar, *(a fazer biscoitos)* *(1*)*

Para o demo o levar

À sua negra canela, (2*)

E agora dizem que não.

Agasta-se-mo coração,

Que quero sair de mim. *(que não me sinto bem)*

[(*) 1 - A Ama afirma que andou a fazer biscoitos para o Marido comer durante a viagem. Esta era uma prática comum, preparar biscoitos e carne salgada ou fumada para os marinheiros que embarcavam nas naus, pois eram coisas que não se estragavam. 2 - Negra canela é uma metáfora que designa a Índia. Aqui a Ama refere a canela – uma especiaria da Índia, muito cara na altura – para simbolizar a viagem. O sentido pejorativo "negra" pretende atingir a viagem e não a especiaria]

MOÇA

Eu irei saber sé assim.

AMA

Tens a minha bênção.

Vai Moça e fica a Ama dizendo:

AMA

A Santo António rogo eu

Que nunca mo cá depare: *(traga; apareça)*

Não sinto quem não se enfare *(Não sei de quem não se enfarte)*

De um Diabo Zebedeu.

Dormirei, dormirei,

Boas novas acharei. (*)

[(*) Gil Vigente não explicita bem o que acontece nesta cena pois muitos dos seus manuscritos apenas serviam de anotação dos diálogos das personagens e não tinham as respetivas indicações quanto ao comportamento ou que ações as personagens deviam fazer. Disso encarregava-se ele no seu trabalho de encenação. Neste caso, por exemplo, não é explícito, mas existe uma breve pausa no diálogo em que a Ama se deita para dormir esperando sonhar "com boas novas" (boas notícias); ao fim de uns breves momentos acorda e diz o que sonhou, como se pode ver a seguir.]

São João no ermo estava, *(sítio longínquo)*

E a passarinha cantava. (1*)

Deus me cumpra o que sonhei.

Cantando vem ela e leda. *(animada)* (2*)

[(*) 1 - O sentido geral do "sonho" quer dizer: São João (a moralidade, ou, figurativamente, o marido) andava longe, e a "passarinha" (ela) cantava de alegria; "passarinha" pode também significar o órgão sexual feminino pois era (e ainda é) esse um dos calões usados; assim sendo é também o seu líbido sexual que cantava. 2 – A Ama refere-se à sua criada que se aproxima com novidades.]

MOÇA

Dai-me alvíssaras, Senhora, *(recompensa dada a quem traz boa-notícias)*

Já vai lá de foz em fora.(*)

[(*) Que "ele", o amo, já passou a foz do rio para adiante, ou seja, que a frota de naus em que o marido devia ir, já partiu, e atravessou a foz em direção ao mar. De reparar que a Moça apenas conclui que o marido da Ama ia também, sem se realmente confirmar que partira com os barcos.]

AMA

Dou-te uma touca de seda.

MOÇA

Ou, quando ele vier,

Dai-me do que ele vos trouxer.

AMA

Ai muitieramá! *(expressão arcaica: “em muito má hora”)*

Agora há de tornar cá? *(então, havia de regressar?)*

Que chegada e que prazer! (*)

[(*) “Que chegada (indesejada), e que prazer” - dito ironicamente. É uma expressão irónica que se deve reforçar a ideia de ironia no modo como é dita em palco.]

A Moça fala só para o espectador

MOÇA

Virtuosa está a minha ama!

Do triste dele tenho dó.

AMA

E que falas tu lá só? *(aí sozinha)*

MOÇA

Falo cá com esta cama.

AMA

E essa cama, bem, que há? *(que diz?)*

Mostra-me essa roca cá. *(uma roca de fiar linho)*

Siquer fiarei um fio. *(Procurarei fiar)*

Deixou-me aquele fastio *(aquele cuja presença provoca enjoo)*

Sem ceitil.(*)

[(*) O ceitil era a moeda portuguesa, criada no reinado de D. Afonso V, no século XV. A Ama pede a roca para fiar com a justificação de que assim poderá ganhar algum dinheiro pois queixa-se que o marido a deixou na miséria]

A Moça fala só para o espectador

MOÇA

Ali, eramá! (“em má hora o diga”)

Todas ficassem assim.

Deixou-lhe para três anos

Trigo, azeite, mel e panos.

AMA

Mau pesar veja eu de ti! (que eu te dê mau olhado)

Pensas tu que não te entendo?

MOÇA

Que entendeis? Ando dizendo

Que quem assim fica sem nada,

Como vós, que é obrigada…

Já me vós és entendendo. (já me está a entender; se é que me entende) (*)

[(*) Diz a Moça em tom de ironia/gozação/provocação, que as mulheres cujos maridos partem para longe sem lhes deixar nada - o que neste caso, não era verdade – teriam que recorrer a métodos menos ortodoxos para sobreviver, ou seja, vender o corpo. A Moça ironiza a situação pois sabe que a Ama não passa necessidades e que quer apenas usar esse pretexto para se atirar para os braços de outros homens. Tal provocação provoca na Ama um certo embaraço que a leva a proferir num longo discurso, como se pode ver a seguir. De reparar que esse discurso seguinte da Ama tem, no palco, momentos de pausa em que esta pára para refletir, mudando frequentemente de tom e entoação.]

AMA

Ha ah ah ah ah ah!

Estará bem graciosa,

Quem se vê moça e formosa (nova, jovem)

Esperar pela iramá. (pela má hora) (*)

[(*) Frase dita com ironia, ou seja: que estaria bem arranjada a mulher nova e jovem que tivesse que ficar à espera pelo "iramá" (o marido) para ser satisfeita;

sexualmente falando.]

E se vai ele a pescar

Meia légua pelo mar,

Isto bem o sabes tu,

Quanto mais a Calecu! (cidade de Calcutá, na India)

Quem há tanto de esperar?(*)

[(*) Admite a Ama depois de um momento: "já sabes como ele demora quanto vai pescar "meia légua pelo mar", quanto mais a Calcutá! Quem tem havia de tanto esperar?, ou seja, quem tem paciência para ficar à espera tanto tempo? Está essencialmente a defender-se dizendo as mulheres também têm necessidades sexuais.]

Melhor, Senhor, sé tu comigo.

À hora da minha morte,

Que eu faça tão pouca sorte.

Guarde-me Deus de tal perigo.(*)

[(*) Diz a Ama, dirigindo-se a Deus, pedindo-lhe que ele não a deixe à espera para a levar para o Paraíso, tal como o marido a deixa sozinha e abandonada durante tanto tempo. Há aqui um tom humorístico pois, de acordo com a moralidade da época, ela estaria a condenar-se ao ser infiel; coisa que ela ignora e pondo-se no papel de vítima.]

O certo é dar a prazer.

Para que é envelhecer

Esperando pelo vento?

Quanto eu por muito nécia sento *(tola, estúpida)*

A que o contrário fizer. (*)

[Os versos querem dizer que a Ama toma por muito tola ou estúpida aquela que fica à espera do vento.]

Partem em Maio(*) daqui,

Quando o sangue novo atiça:

Parece-te que é justiça?

Melhor vivas tu amém,

E eu contigo também.

[(*) Maio, mês ligado ao ponto alto da Primavera.]

Quem sobe por essa escada?

CASTELHANO

Paz sea nesta posada. (*Paz seja nesta casa)*

AMA

Vós sois? Pensei que era alguém.

CASTELHANO

Asegun esso, soy yo nada. *(Segundo isso, sou eu, nada)*

AMA

Bem, que vinda foi agora esta?

CASTELHANO

Vengo aqui en busca mia, *(Venho aqui numa busca minha)*

Que me perdi en aquel dia *(De algo que perdi noutro dia)*

Que os vi hermosa y honesta *(Em que vos vi bela e honesta/singela)*

Y nunca más me topé. *(E nunca mais me reencontrei)*

Invisible me torné, *(Invisível me tornei)*

Y de mí crudo inimigo; *(E inimigo de mim próprio)*

El cielo, empero es testigo *(O céu, contudo o justificará)*

Que de mi parte no sé. *(Que por minha parte não o sei)* *(*)*

[(*) De notar que na altura em Portugal falava-se português e castelhano, simultaneamente.]

Y ando un cuerpo sin alma, *(E ando um corpo sem alma)*

Un papel que lleva el viento, *(Um papel que leva o vento)*

Un pozo de pensamiento, *(Um poço de pensamento)*

Una fortuna sin calma. *(Um estado sem calma) (*)*

Pese al dia en que nascí; *(Desde o dia em que nasci)*

Vos y Dios sois contra mí, *(Vós e Deus são contra mim)*

Y nunca topo el diablo. *(E nunca vejo o diabo)*

Reís de lo que yo hablo? *(Ris do que vos falo)*

[(*) Fortuna não no sentido de riqueza. Fortuna era o modo para designar como as coisas ocorriam. "Buena fortuna" ou "boa fortuna" queria antigamente dizer "boa sorte", uma boa disposição. Etimologicamente a palavra "fortuna" vem do nome da deusa romana Fortuna que era a deusa da sorte (boa ou má) e da esperança que simbolizavam a distribuição de bens e a coordenação da vida dos homens, e geralmente estava cega ou com a vista tapada (como a moderna imagem da justiça), pois distribuía seus desígnios aleatoriamente. A evolução

da palavra "fortuna" para sinónimo de riqueza fez-se porque conclui-se que quem tinha "boa fortuna" era quem tinha riqueza.]

AMA

Bem sei eu de que me ri.

CASTELHANO

Reívos del mal que padezco, *(Ris do mal que padeço)*

Reívos de mi desconcierto, *(Ris do meu desconcerto)*

Reívos que tenéis por cierto *(Ris porque tendes por certo)*

Que miraros non merezco. *(E ver-vos não mereço)*

AMA

Andar embora. (*)

[(*) A Ama não está a mandar o Castelhano embora. É uma forma de dizer, cala-te com essa e continua com o que estavas a dizer antes.]

CASTELHANO

Oh, mi vida y mi señora,

Luz de todo Portugal,

Tenéis gracia especial *(beleza)*

Para linda matadora.

Supe que vuesso marido *(soube)*

Era ido.

AMA

Anteontem se foi.

CASTELHANO

Al diablo que lo doy *(O Diabo que o dê; Que vá para o Diabo)*

El desestrado perdido.

Qué más India que vos,

Qué más piedras preciosas,

Qué más alindadas cosas, *(belas)*

Qué estardes juntos los dos? (1*)

No fue él Juan de Çamora. *(Não é ele Juan de Çamora) (2*)*

[(*) 1 - Diz o Castelhano que não há Índia que valha o estarem juntos os dois, marido e mulher. É no fundo uma denúncia vicentina, que é o tema geral da peça, sobre as contrapartidas e consequências sociais das viagens marítimas. 2 – Juan de Çamora é, como se verá, o nome do Castelhano; quer ele dizer que se o marido fosse ele, ele não a abandonava.]

Que arrastrado muera yo, *(Que arrastado morrera eu)* (*)

Si por cuanto Dios crió *(E pelo que Deus quiser)*

Os dexara media hora. *(De vos deixar meia hora)*

Y aunque la mar se humillara *(E mesmo que Mar se humilhasse)*

Y la tormenta cessara, *(E a tormenta cessasse)*

Y el viento me obedeciera *(O vento me obedecesse)*

Y el cuarto cielo se abriera, *(E o quarto céu se abrisse)*

Un momento no os dexara. *(Em nenhum momento vos deixaria)*

[(*) "Arrastado" referindo-se a umas das penas capitais que havia na altura em que se era puxado e arrastado pelo chão por um cavalo pela cidade fora.]

Mas como evangelio es esto *(Mas isto é como um evangelho)*

Que la India hizo Dios, *(Em que Deus fez a Índia)*

Solo porque yo con vos *(Só para que eu convosco)*

Pudiesse passar aquesto. *(Pudesse estar aqui)*

Y solo por dicha mía, *(E só para minha felicidade)*

Por gozar esta alegria, *(Para gozar esta alegria)*

La hizo Dios descobrir. *(Que Deus a fez descobrir.)*

Y no ha más que dezir, *(E não há mais que dizer)*

Por la sagrada María! *(Pela sagrada Maria)*

AMA

Moça, vai àquele cão,

Que anda naquelas tigelas.

MOÇA

Mas os gatos andam nelas.

CASTELHANO

Cuerpo del cielo con vos! *(expressão equivalente: "Mas valha-nos Deus")*

Hablo en las tripas de Dios, *(expressão equivalente: "Falo com o coração nas mãos)*

Y vos hablaisme en los gatos! *(E vós falais em gatos)*

AMA

Se vós falais desbaratos, *(ao desbarato; de coisas parvas)*

Em que falaremos nós?

CASTELHANO

No me hagáis derreñegar (Não me façais zangar)

O hazer un desatino. (Ou de fazer um desatino)

Vós pensáis que soy devino? (Pensais que sou divino?)

Soy hombre y siento el pesar. (Sou homem e sinto a mágoa)

Trayo de dentro un léon, (Trago de dentro um leão)

Metido en el coraçón. (Metido no coração)

Tiéneme el alma danada (Tenho a alma perdida)

De ensangrentar esta espada (De ensanguentar esta espada)

En hombres, que es perdición. (Em homens, que é perdição) (*)

[(*)O Castelhano muda de faceta. Uma vez que a Ama não responde favoravelmente ás palavras exaltadas e exageradamente românticas, o Castelhano muda de tática e mostra uma faceta de fúria, como que para provar a sua masculinidade e virilidade.]

Ya Dios es importunado *(Já Deus está importunado)*

De las ánimas que le embío; *(Com as almas que lhe envio)*

Y no es en poder mío *(Pois não está em mim)*

Dexar uno acuchilado. *(Deixar um só ferido.)*

Dexé bivo allá en el puerto *(Deixei vivo um além no porto)*

Un hombrazo anto y tuerto *(Um homenzarrão e tanto)*

Y después fuilo a encontrar; *(Quando fui à sua procura)*

Pensó que lo iva a matar, *(Pensou que eu o ia matar)*

Y de miedo cayó muerto. *(E de caiu morto de medo)*

AMA

Vós queríeis ficar cá? (*)

Agora é cedo ainda;

Tornareis vós outra vinda, *(Volte mais tarde)*

E tudo se bem fará.

[(*) De notar que a Ama vai direta ao que lhe interessa e não está tanto interessada nas gabarolices do Castelhano.]

CASTELHANO

A qué hora me mandáis? *(me quereis)*

AMA

Às nove horas e não mais.

E atirai uma pedrinha,

Pedra muito pequenina,

À janela dos quintais.

Entonces vos abrirei *(então)*

De muito boa vontade:

Pois sois homem de verdade

Nunca vos falecerei. *(faltarei)*

CASTELHANO

Sabéis qué ganáis en esso? *(Sabeis que ganhais com isso?)*

El mundo todo por vuesso! *(O Mundo todo como vosso)*

Que aunque tal capa me veis, *(Que, apesar da minha aparência)*

Tengo más que pensaréis *(Tenho mais do que julgais)*

Y no lo toméis em gruesso. *(E não ficareis sem nada)*

Bésoos las manos, Señora, *(Beijo-vos as mãos, senhora)*

Voyme con vuessa licencia *(Vou-me com a sua licença)*

Más ufano que Florencia. *(Mais orgulhoso que Florença)* *(*)*

[(*) Esta referência à cidade de Florença, rica e poderosa, serve como termo de comparação que o Castelhano encontra para demonstrar o seu contentamento.]

AMA

Ide e vinde muito embora. *(em boa hora; depressa)*

MOÇA

Jesus! Como é rebolão! *(fanfarrão)*

Dai, dai ao demo o ladrão.

AMA

Muito bem me parece ele.

MOÇA

Não vos fieis vós naquele,

Porque aquilo é refião. *(rufia; que gosta de arranjar brigas)*

AMA

Já lhe eu tinha prometido. (*)

[(*) Prometido de se encontrar com ele.]

MOÇA

Muito embora, seja assim.

AMA

Um Lemos andava aqui

O meu namorado perdido. (*)

[(*) A Ama pensa com saudade num antigo namorado que antes também a vinha visitar.]

MOÇA

Quem? O rascão do sombreiro? *(pobretanas)*

AMA

Mas antes era escudeiro.

MOÇA

Seria, mas bem safado;

Não suspirava o coitado

Senão por algum dinheiro.

AMA

Não é ele homem dessa arte. (*)

[(*) essa "arte" seria a de pedinte, intrujão ou então ladrão.]

MOÇA

Pois ainda ele não esquece?

Há muito que não aparece.

AMA

Quanto eu não sei dele parte. *(não sei nada sobre ele)*

MOÇA

Quando ele souber à fé.

Que o nosso amo aqui não é, *(não está)*

Lemos vos visitará.

LEMOS

Ó da casa!

AMA

Quem é lá?

LEMOS

Subirei?

AMA

Suba quem é.

LEMOS

Vosso cativo, Senhora.

AMA

Jesus! Tamanha mesura! *(Que grande vénia; mesura = vénia)*

Sou rainha porventura?

Lemos

Mas sois a minha imperadora.

AMA

Que foi do vosso passear,

Com luar e sem luar,

Toda a noite nesta rua? (*)

[(*) A Ama queixa-se de que o Lemos nunca mais a veio visitar; que apenas andou a rondar aquela rua á noite mas que nunca a vinha ver.]

LEMOS

Achei-vos sempre tão crua, (cruel)

Que vos não pude aturar.

Mas agora como estais?

AMA

Foi-se à Índia o meu marido,

E depois homem nascido

Não veio onde vós cuidais;

E por vida de Constança,

Que se não fosse a lembrança... (*)

[(*) Constança será o nome da Ama. Ela di-lo para jurar pelo seu nome e pela sua vida que, nenhum homem ali pôs os pés, depois que o marido foi para a India. E que se não fosse a boa memória de tempos passados...]

MOÇA

Dizei já essa mentira.

AMA

...Que eu vos não consentira

Entrar em tanta privança. (*)

[(*) … ela não lhe daria confiança e não o deixaria entrar em sua casa.]

LEMOS

Pois agora estais singela, *(sozinha)*

Que lei me dais vós, Senhora?

AMA

Digo que venhais embora.

LEMOS

Quem tira àquela janela? (*)

[(*) O Lemos ouve pedrinhas a bater nas vidraças. É o Castelhano que aparece à hora combinada e a razão pela qual a Ama queria que o Lemos se fosse embora.]

AMA

Meninos que andam brincando,

E tiram de quando em quando.

LEMOS

Que dizeis, Senhora minha?

AMA

Metei-vos nessa cozinha,

Que me estão ali chamando.

CASTELHANO

Ábrame, vuessa merced, *(Abra, por caridade)*

Que estoy aquí a la verguença! *(exposto ao ridículo)*

Esto úsasse en Siguenza. *(Que faça como em Siguenza)* (*)

Pues prometéis, mantened. *(Em o que se promete, cumpre-se)*

[(*)Cidade de Castela, onde, diz o ditado, quem promete, mantém a palavra dada.]

AMA

Calai-vos, muitieramá *(má hora; maldito)*

Até que o meu irmão se vá!

Dissimulai por ai, entanto.

Ora vistes o quebranto? *(assombração) (*)*

Andar, muitieramá!

[(*) "Viste o quebranto" referindo-se certamente à reação de espanto e de inércia do Castelhano com as palavras desta.]

LEMOS

Quem é aquele que falava?

AMA

O Castelhano vinagreiro.

LEMOS

Que quer?

AMA

Vem pelo dinheiro

Do vinagre que me dava.

Vós queríeis cá cear *(cear = de ceia; jantar)*

E eu não tenho que vos dar.

LEMOS

Vá esta moça à Ribeira (*)

E traga-a cá toda inteira,

Que toda se há de gastar

[(*) O Mercado da Ribeira, junto à zona do Cais do Sodré, em Lisboa, que já existia naquela época. O Lemos, em tom de fanfarronice mada comprar tudo o que houver na feira, querendo mostrar que tem dinheiro.]

MOÇA

Azevias trazerei?

LEMOS

Dá ao demo as azevias:

Não compres, já me enfastias. *(enjoam)*

MOÇA

O que quiserdes comprarei.

LEMOS

Traze uma quarta de cerejas

E um ceitil de bribigões. *(berbigões = pequenos mariscos do mar, baratos)*

MOÇA

Cabrito?

LEMOS

Tem mil varejas. *(ovos de mosca)*

MOÇA

E ostras trazerei delas?

LEMOS

Se valerem caras, não. *(se forem caras)*

Antes traz mais um pão

E o vinho das Estrelas.

MOÇA

Quanto trazerei de vinho?

LEMOS

Três pichéis deste caminho. (*)

[(*) Um pinchel era um pequeno vaso de cobre que servia para beber, pouco maior que uma taça.]

MOÇA

Dais-me um cinquinho, não mais? (*)

[(*) Cinquinho era uma moeda de pouco valor, o equivalente aos cêntimos de hoje.]

LEMOS

Toma aí mais dois reais.

Vai e vem muito improviso *(depressa)*

«Quem vos anojou, meu bem, (aborreceu)

«bem anojado me tem.» (*)

[(*) Como se pode ver pelo diálogo entre o Lemos e a Moça, o discurso dele de querer a feira toda era uma gabarolice desmedida pois na verdade às perguntas da Moça sobre que devia trazer, vê-se que o Lemos é um enorme forreta. O pequeno verso que diz a maldizer da Moça mostra também o quanto ele ficou chateado com ela por ela o ter desmascarado com as suas perguntas.]

AMA

Vós cantais em vosso siso? *(juízo) (*)*

[(*) Por outras palavras: estás bem da cabeça para te pores a cantar?]

LEMOS

Deixai-me cantar, senhora.

AMA

A vizinhança que dirá,

Se o meu marido aqui não está,

E vos ouvirem cantar?

Que razão lhe posso eu dar,

Que não seja muito má?

CASTELHANO

Reniego de Marenilla: *(Mentirosa de Marenilla)* (*)

Esto es burla, o es burleta? *(Isto é burla, ou és burleta/charlatã)*

Queríeis que me haga trompeta, *(Quereis que faça barulho)*

Qué me oiga toda la villa? *(Que me ouça toda a cidade?)*

[(*) expressão da época, desconhece-se o fundamento histórico por detrás da mesma. Presume-se que Marenilla seria uma vila de Castela.]

AMA

Entrai vós, ali, senhor,

Que ouço o corregedor;

Temo tanto esta devassa! (*)

Entrai vós nessa outra casa

Que sinto grande rumor. (barulho/agitação)

Chega à janela.

Falai vós passo, micer. *(falai mais baixo, mister/senhor)*

[(*) O corregedor era o magistrado administrativo e judicial que representava a Coroa em cada uma das comarcas de Portugal; eram também apelidados de corregedores a guarda que em nome do corregedor fazia o trabalho que hoje compete à polícia. Uma "devassa" era uma busca em casa das pessoas feitas por razões de suspeita criminal. De reparar que o termo "devassa" ou "devasso" evoluiu de modo pejorativo, precisamente por ser usado para injuriar aqueles que eram apanhados, em flagrante, numa devassa, ou seja, "devasso" passou a ser alguém que não respeita a lei.]

CASTELHANO

Pesar ora de San Palo, *(expressão equivalente: “Que se lixe o silêncio”)*

Esto es burla o es diablo? *(Isto é burla ou és o diabo)*

AMA

Que vos posso eu mais fazer?

CASTELHANO

Y aún en esso está ahora *(Então não está na hora)*

La vida de Juan de Çamora? *(Da vida de Juan de Çamora?)*

Son noches de Navidá, *(São noites de Natal)* *(*)*

Quiere amanecer ya, *(Quer amanhecer já)*

Que no tardará media hora. *(E não faltará meia-hora)*

[(*)"São noites de Natal" pode quer dizer que era efetivamente Inverno, altura em que o Sol nasce mais cedo, ou então pode ter um sentido metafórico pois as noites de Natal são aquelas que se deseja que se passe depressa para que chegue a manhã.]

AMA

Meu irmão pensei que se ia.

CASTELHANO

Ah, señora, y reísvos vós! *(ah senhora, e ri-vos vós!)* (*)

Ábrame, cuerpo de Dios! *(Abra-me a porta, por Deus!)*

[(*) Sinal que apesar de tudo a Ama acha piada a toda aquela situação.]

AMA

Tornareis cá noutro dia.

CASTELHANO

Assossiega, coraçón, (Sossega coração)

Adormiéntate, león, *(Acalma-te leão)*

No eches la casa en tierra *(Não deites a casa abaixo)*

Ni hagas tan cruda guerra, *(Nem faças grande espalhafato)*

Que mueras como Sansón. *(Que morres como Sansão) (1*)*

Esta burla es de verdad, *(Este engano é verdadeiro)*

Por los ossos de Medea, *(Pelos ossos de Medeia) (2*)*

Si no que arrastrado sea *(Que eu arrastado seja)*

Mañana por la ciudad; *(Amanhã pela cidade)*

Por la sangre soverana *(Pelo sangue soberano)*

Se la batalla troyana, *(Da batalha troiana) (3*)*

Y juro a la casa sancta... *(E juro à Santa Casa...)*

[(*) 1 – Sansão: Personagem bíblico que tinha uma força sobrenatural e que só foi apanhado e morto por causa de uma mulher – Dalila; 2 – Medeia: Personagem da mitologia grega que era conhecida por ser uma bruxa sedutora. Guerra de Troia, da mitologia Grega, que foi iniciada por causa de uma mulher – Helana de Troia. Com todas estas referências está o Castelhano a maldizer as mulheres que são a perdição dos homens]

AMA

Para que é essa jura tanta?

CASTELHANO

Y aún vos estáis ufana? *(E ainda estais a gozar?)*

Quiero destruir el mundo, *(Quero destruir o mundo)*

Quemar la casa, es la verdad, *(Queimar a casa, essa é a verdade)*

Despucs quemar la ciudad; *(Depois queimar a cidade)*

Señora, en esto me fundo. *(Senhora, é isto que sinto)*

Después, si Dios me dixere, *(Depois, se Deus me acusar)*

Cuando allá con él me viere *(Quando lá com ele me vir)*

Que sola por una mujer... *(Que só por causa de uma mulher...)*

Bien sabré que responder*, (Bem saberei o que responder)*

Cuando a esso veniere. *(Quando chegar a altura)*

AMA

Isso são rebolarias! *(fanfarronices)*

CASTELHANO

Séame Dios testigo, *(Seja Deus, minha testemunha)*

Que vos veréis lo que digo, *(Que vereis o que vos digo)*

Antes que passen tres días. *(Antes que passem três dias)*

AMA

Má viagem faças tu

Caminho de Calecu, *(Calcutá)*

Praza à Virgem consagrada.

LEMOS

Que é isso?

AMA

Não é nada.

LEMOS

Assi viva Belzebu. *(O diabo)*

AMA

I-vos embora, senhor (*)

Que isto quer amanhecer.

Tudo está a vosso prazer,

Com muito dobrado amor.

Oh, que mesuras tamanhas! *(vénias)*

[(*) “I-vos embora”, não no sentido de Lemos se ir embora, mas no sentido de se calar e segui-la para o quarto pois o outro problema que ela tinha já se resolveu.]

MOÇA

Quantas artes, quantas manhas,

Que sabe fazer minha a ama!

Um na rua, outro na cama!

AMA

Que falas? Que te arreganhas? (*)

[(*) “Arreganhar” é um termo que vêm do “arreganhar os dentes” ou seja, “dizer algo por entre os dentes”, em murmúrio, para gozar com alguém.]

MOÇA

Ando dizendo entre mim

Que agora vai em dois anos

Que eu fui lavar os panos

Além do chão de Alcami; (*)

E logo partiu a armada,

Domingo de madrugada.

Não pode muito tardar

Nova, se há de tornar *(depressa há de voltar)*

Nosso amo para a pousada. *(a sua casa, dito em forma de expressão)*

[(*) Pequeno largo da antiga Lisboa. De reparar que esta fala da Moça dá indicação de que vários anos se passaram desde que a armada do marido se partiu, mostrando sinal de avanço no tempo. Diz ela também que o Amo deverá estar a chegar.]

AMA

Asinha? (Tão depressa?)

MOÇA

Três anos há

Que partiu Tristão da Cunha. *(nome do Amo)*

AMA

Quanto eu ano e meio punha. *(pensava, julgava)*

MOÇA

Mas três e mais haverá.

AMA

Vai tu comprar de comer.

Tens muito para fazer,

Não tardes.

MOÇA

Não, senhora;

Eu virei logo nessora, *(num instante)*

Se me eu lá não detiver.

AMA

Mas que graça, que seria,

Se este negro meu marido,

Tornasse a Lisboa vivo

Pera a minha a companhia!

Mas isto não pode ser,

Que ele havia de morrer

Somente de ver o mar. (*)

[(*) A Ama tem o marido em muita pouca consideração uma vez que o considera um marinheiro tão inapto capaz de morrer só de ver o mar.]

Quero fiar e cantar,

Segura de o nunca ver.

MOÇA

Ai, senhora! Venho morta!

Nosso amo é hoje aqui. *(Chega hoje)*

AMA

Má nova venha por ti *(notícia)*

Perra, excomungada, torta. *(Cadela)*

MOÇA

A Garça, em que ele ia, (*)

Vem com muito grande alegria;

Pelo Restelo entra agora.

Pela vida minha, senhora,

Que não falo zombaria. *(mentira, gozação)*

E vi pessoa que o viu

Gordo, que é para espantar.

[(*) Garça é o nome dado ao navio em que o marido embarcou. Pelo nome da nau deduz-se que Gil Vicente se refere à armada de Tristão Vaz da Cunha, comandante de uma das expedições à Índia.]

AMA

Pois, casa, se te eu caiar, *(caiar é o equivalente a pintar)*

Mate-me quem me partiu!

Quebra-me aquelas tigelas

E três ou quatro panelas,

Que não ache que comer.

Que chegada e que prazer! *(dito ironicamente)*

Fecha-me aquelas janelas,

Deita essa carne a esses gatos;

Desfaz toda essa cama. (*)

[(*) A Ama está com isto a dizer que não quer de maneira nenhuma receber o marido com a casa em boas condições. O objetivo é para que ele fique a pensar que ela viveu miseravelmente. A farsa chega a ponto de mandar a carne para os gatos de modo a ter a dispensa vazia.]

MOÇA

De mercês está minha a ama; *(de mau humor)*

Desfeitos estão os tratos. *(acabaram-se os namoros)*

AMA

Porque não matas o fogo? (*)

[(*) Apagar o fogo no lar significa simbolicamente tristeza. Antigamente dizia-se que uma casa sem fogo é uma casa sem vida. Precisamente a imagem que a Ama quer fazer passar para o marido.]

MOÇA

Raivar, que este é outro jogo. (*)

[(*) Diz a Moça em murmúrio para o público que bem pode a Ama enfurecer-se á vontade que agora as coisas mudaram.]

AMA

Perra, cadela, tinhosa, *(diaba; maldita)*

Que rosmeias, aleivosa? *(Que estas a rugir, mal-nascida?)*

MOÇA

Digo que o matarei logo.

AMA

Não sei para que é viver.

MARIDO

Olá.

AMA

Ali má hora este é. *(O maldito chegou)*

- Quem é?

MARIDO

Homem de pé.

AMA

Gracioso se quer fazer. (Está a armar-se em engraçadinho)

- Subi, subi para cima.

MOÇA

É o nosso amo, como rima!

AMA

Teu amo? Jesus, Jesus,

Alvíssaras pedirás tu. *(recompensas)*

MARIDO

Abraçai-me minha prima.(*)

[(*) Na época era normal o casamento arranjado entre primos.]

AMA

Jesus, tão negro e tostado! (*)

Não vos quero, não vos quero.

[(*) Como todo o marinheiro depois de uma grande viagem o marido vinha bronzeado do Sol, algo que a Ama diz achar feio rejeitando assim o seu abraço.]

MARIDO

E eu a vós a si, porque espero

Serdes mulher de recado. *(mulher que cumpre os deveres de esposa.)*

AMA

Moça, tu que estás olhando,

Vai muito asinha saltando, (depressa)

Faz fogo, vai por vinho

E a metade de um cabritinho,

Enquanto estamos falando.

Ora como vos foi lá?

MARIDO

Muita fortuna passei.(*)

[(*) Mais uma vez, fortuna, não no contexto de riqueza a que hoje damos à palavra mas no sentido de acontecimento, daquilo que ocorre no dia a dia. Aqui "muita fortuna" quer dizer que passou por muita coisa.]

AMA

E eu, oh quanto chorei,

Quando a armada foi de cá.

E quando vi desferir *(levantar a vela ao vento)*

Que começastes de partir,

Jesus, eu fiquei finada, *(morta)*

Três dias não comi nada,

A alma se me queria sair.

MARIDO

E nós a cem léguas daqui

Saltou tanto sudoeste,

Sudoeste e oés-sudoeste (*)

Que nunca tal tormenta vi.

[(*)O Marido referencia um conjunto de ventos soprando em direções opostas que estiveram na base de uma tempestade marítima.]

AMA

Foi isso à quarta-feira,

Aquela logo primeira?

MARIDO

Sim, e começou na alvorada.

AMA

E eu fui-me de madrugada

A nossa Senhora de Oliveira.

E com a memória da cruz

Fiz-lhe dizer uma missa,

E prometi-vos em camisa *(camisa de dormir; antes de adormecer)*

A Santa Maria da Luz.

E logo à quinta-feira

Fui ao Espírito Santo

Com outra missa também.

Chorei tanto que ninguém

Nunca pensou ver tal pranto. (choro; desespero)

Correstes aquela tormenta? *(Passaste)*

Andar... *(Continua...)*

MARIDO

Durou três dias.

AMA

As minha três romarias

Com outras mais de quarenta. (*)

[(*)Ou seja, está a Ama a tentar ligar os três dias de tempestade com os seus três dias de rezas. A estratégia da Ama é fazer crer ao Marido que ele se salvou das tempestades porque ela passou o tempo nas igrejas a rezar pela sua salvação.]

MARIDO

Fomos na volta do mar *(o mesmo que dizer, afastamo-nos da terra)*

Quase a quartelar *(a mudar de rumo ao sabor dos ventos)*

A nossa Garça voava

Que o mar se espedaçava.

Fomos ao rio de Meca,

Pelejámos e roubámos (lutamos) (1*)

E muito risco passámos:

A vela, árvore seca. (2*)

[(*) 1- Há aqui uma óbvia crítica de Gil Vicente a muitos dos acontecimentos que ocorriam durante as navegações. A imagem que os órgão e as instituições de poder procuravam passar da imagem dos navegadores heróis que iam espalhar a cristandade pelo mundo fora é aqui claramente exposta tal como isso ocorria na verdade – combatendo e saqueando. 2 - A expressão significa que a Armada chegou sem velas, ou com parte do velame desfeito pelas tempestades e lutas.]

AMA

E eu cá a esmorecer, *(definhando, desfalecendo)*

Fazendo mil devoções,

Mil choros, mil orações.

MARIDO

Assim havia de ser.

AMA

Juro-vos que de saudade

Tanto de pão não comia

A triste de mim cada dia

Doente, era uma piedade.

Já carne nunca a comi,

Esta camisa que trago

Em vossa dita a vesti *(*)*

Porque vinha bom mandado.

[(*) A Ama diz que apenas vestira aquela roupa porque recebera noticias de que vinha aí o marido. É uma forma de justificar o porquê da sua boa roupa, tentando passar a ideia ao marido que se não fosse isso ele iria encontrá-la em farrapos.]

Onde não há marido

Cuidai que tudo é tristura,

Não há prazer nem folgura, *(festa)*

Sabei que é viver perdido.

Alembrava-vos eu lá? *(Lembrava-se lá de mim?)*

MARIDO

E como!

AMA

Agora, aramá! (Qual quê!)

Lá há índias muito formosas,

Lá faríeis vós das vossas

E a triste de mim cá,

Encerrada nesta casa,

Sem consentir que vizinha

Entrasse por uma brasa,

Por honestidade minha.

MARIDO

Lá vos digo que há fadigas,

Tantas mortes, tantas brigas

E perigos descompassados,

Que assim vimos destroçados

Pelados com as formigas. *(Nús)*

AMA

Porém vindes vós muito rico...

MARIDO

Se não fosse o capitão,

Eu trouxera, o meu quinhão,

Um milhão vos certifico.

Calai-vos que vós vereis

Quão louçã haveis de sair. (bela) (*)

[(*)Gil Vicente coloca na boca do Marido uma queixa que era comum à maioria dos embarcados, ou seja, os capitães das armada apoderavam-se da maior parte das riquezas que os marinheiros tinham roubado. No entanto, o marido ao dizer que a mulher havia de sair à rua bonita, dá a entender que tinha o suficiente para lhe comprar o que ela quisesse.]

AMA

Agora me quero eu rir

Disso que me vós dizeis.

Pois que vós vivo viestes,

Que quero eu de mais riqueza?

Louvado seja a grandeza

De vós, Senhor que mo trouxestes.

A nau vem bem carregada?

MARIDO

Vem tão doce embandeirada. *(Com a bandeira hasteada)*

AMA

Vamo-la, rogo-vo-lo, ver. *(Vamos vê-la, peço-vos)*

MARIDO

Far-vos-ei nisso prazer?

AMA

Sim que estou muito enfadada. *(enfadada)*

Vão ver a nau e fenece esta farsa. *(acaba)*